

V.21 n°44 (2025)

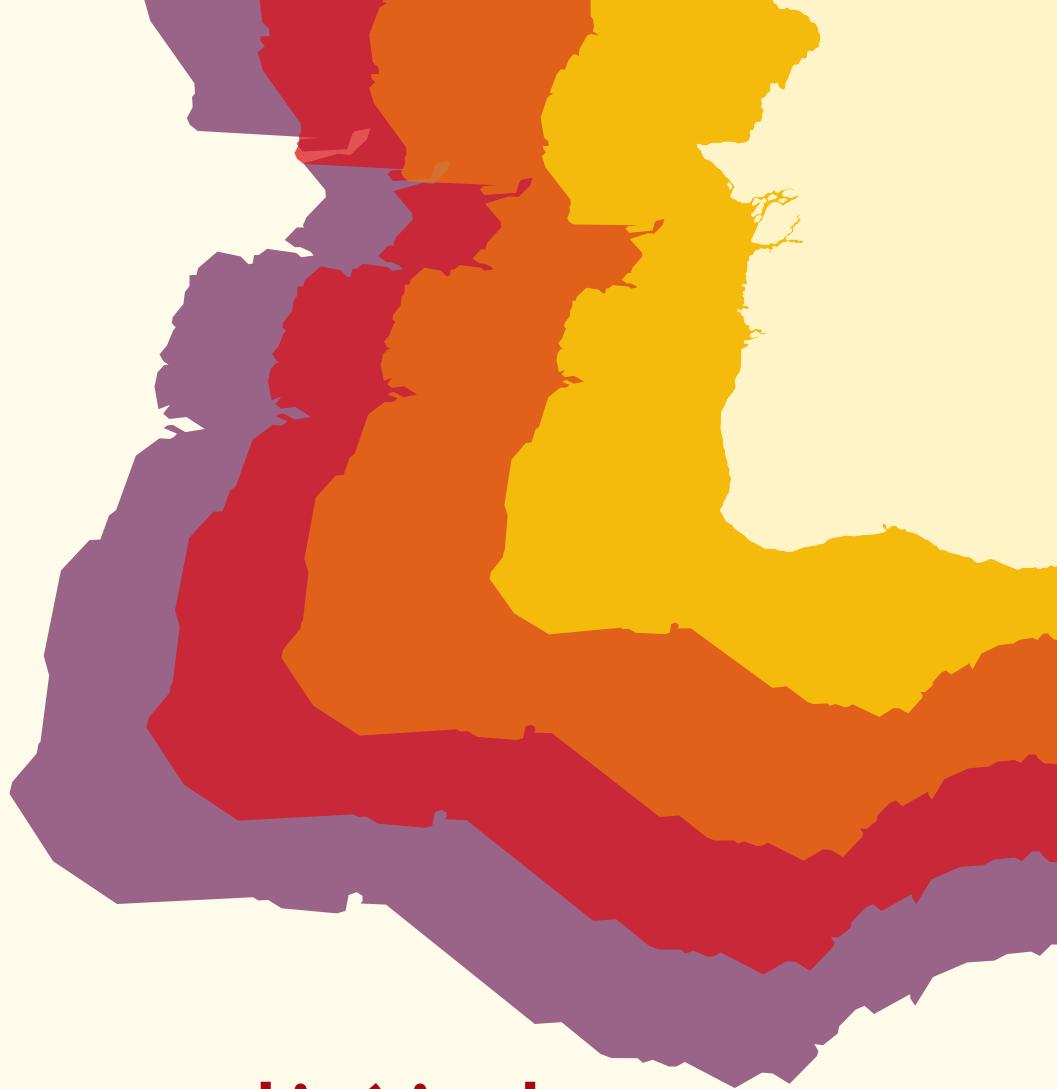
REVISTA DA
**AN
PE
GE**

ISSN 1679-768X

a

ANPEGE

Associação Nacional
de Pós-graduação e
Pesquisa em Geografia



**Deficiência e gênero na história da exploração geográfica:
compreendendo Isabella Bird Bishop como uma geógrafa com deficiência**

*Disability and gender in the history of geographical exploration:
understanding Isabella Bird Bishop as a disabled geographer*

*Discapacidad y género en la historia de la exploración geográfica:
comprender a Isabella Bird Bishop como geógrafa discapacitada*

DOI: 10.5418/ra2025.v21i44.19850

EDWARD ARMSTON-SHERET

University of London

TRADUTOR

GUILHERME DOS SANTOS CLAUDINO

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

V.20 n°44 (2025)

e-issn : 1679-768X

RESUMO¹: O estudo da vida e das viagens da exploradora vitoriana Isabella Bird Bishop oferece importantes percepções sobre a história das pessoas com deficiência na disciplina de geografia. Bird Bishop é uma figura importante na história disciplinar da geografia, pois foi uma das primeiras mulheres admitidas na Royal Geographical Society em 1892. Ela tinha um problema de coluna de longa data que se misturava com questões psicológicas. Ao estudar como sua deficiência (e as compreensões contemporâneas de seu corpo) moldou suas viagens, este artigo mostra como a deficiência interagiu com a identidade racial e de gênero de Bird Bishop ao moldar onde e como ela viajou e como escreveu sobre suas experiências. Ao chamar a atenção para o papel que a deficiência desempenhou na justificativa de suas viagens e o efeito positivo que a viagem teve sobre sua saúde, este artigo destaca suas experiências geralmente positivas de viagens geográficas como pessoa com deficiência.

Palavras-chave: deficiência, exploração, gênero, histórico, viagem

ABSTRACT: Studying the life and travels of the Victorian explorer Isabella Bird Bishop offers important insights into the history of disabled people within the discipline of geography. Bird Bishop is an important figure within geography's disciplinary history, as one of the first women admitted to the Royal Geographical Society in 1892. She also had a long-standing spinal condition that intermingled with psychological symptoms. In studying how her disability (and contemporary understandings of her body) shaped her travels, this paper shows how disability interacted with Bird Bishop's racial and gender identity in shaping where and how she travelled and how she wrote about her experiences. By drawing attention to the role that disability played in justifying her travels and the positive effect travel had on her health, this paper highlights her generally positive experiences of geographical travel as a disabled person.

Keywords: disability, exploration, gender, historical, travel

¹ Publicado originalmente como: ARMSTON-SHERET, E. Disability and gender in the history of geographical exploration: Understanding Isabella Bird Bishop as a disabled geographer. *Área*, 56, e12944, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1111/area.12944>



RESUMEN: El estudio de la vida y los viajes de la exploradora victoriana Isabella Bird Bishop ofrece importantes conocimientos sobre la historia de las personas con discapacidad en la disciplina de la geografía. Bird Bishop es una figura importante en la historia de la disciplina de la geografía, ya que fue una de las primeras mujeres admitidas en la Royal Geographical Society en 1892. También padecía una enfermedad de la columna vertebral de larga duración que se entremezclaba con síntomas psicológicos. Al estudiar cómo su discapacidad (y la comprensión contemporánea de su cuerpo) dio forma a sus viajes, este artículo muestra cómo la discapacidad interactuó con la identidad racial y de género de Bird Bishop para determinar dónde y cómo viajaba y cómo escribía sobre sus experiencias. Al llamar la atención sobre el papel que desempeñó la discapacidad en la justificación de sus viajes y el efecto positivo que estos tuvieron en su salud, este artículo destaca sus experiencias generalmente positivas de los viajes geográficos como persona discapacitada.

Palabras clave: discapacidad, exploración, género, histórico, viajes

Introdução

Quando a exploradora e escritora vitoriana Isabella Bird Bishop morreu em 1904, seus obituaristas tiveram dificuldades para explicar sua saúde física inconsistente. Enquanto viajava para o exterior, era capaz de realizar impressionantes feitos de esforço físico e “ria do cansaço”. Quando voltava para casa, “ela imediatamente se tornava inválida”, dizia um obituário no *The Edinburgh Medical Journal* (Anon., 1904, p. 383). O autor resumiu sua força física variável, afirmando que ela era “A inválida em casa e o Sansão no exterior”. Sua força e resistência fascinaram seus biógrafos e obituaristas e continuam sendo fonte de debate (Barr, 1970; Chubbuck, 2003; Stoddart, 1906). Neste artigo, eu as analiso de uma perspectiva diferente. Concentro-me no que suas jornadas podem nos mostrar sobre a história das mulheres com deficiência na história da geografia.

Há uma subdisciplina estabelecida que estudou as geografias da deficiência (Gleeson, 1999; Hall & Wilton, 2017; Imrie & Edwards, 2007). Esses trabalhos mostraram a importância de entender a deficiência como “uma forma de opressão que é produzida socioespacialmente em vez de naturalmente dada” (Gleeson, 1996, p. 387). Mas, como outros mostraram, também é importante considerar “as especificidades e a materialidade do próprio corpo” e as experiências corporais da deficiência (Harada & Waitt, 2023, p. 516). Uma área importante de estudos tem se preocupado com a questão da mobilidade. Como Rob Imrie (2000, p. 1642) demonstrou, as ideias e práticas dominantes sobre movimento discriminam as pessoas com deficiência ao priorizar o “corpo móvel” sem deficiência. Na prática, isso significa que os edifícios e o transporte são mais difíceis ou impossíveis de serem navegados pelas pessoas com deficiência, restringindo sua mobilidade (Harada & Waitt, 2023).

Muitas formas de pesquisa geográfica também pressupõem que o geógrafo tenha um corpo móvel. Um número crescente de acadêmicos tem estudado como as práticas de trabalho de campo dominantes na geografia contemporânea discriminam as pessoas com deficiência (por exemplo, Hall e Healey, 2005; Lawrence e Dowey, 2022; Leyland et al., 2022; Rose, 2022; Tucker e Horton, 2019). Esses textos examinaram como as pessoas com deficiência vivenciam e superam essas barreiras e exploraram maneiras de tornar o trabalho de campo mais inclusivo. Este artigo aprofunda esses trabalhos ao mostrar a trajetória das pessoas com deficiência dentro da disciplina. É claro que Bird Bishop não se referiu a si mesma como “deficiente”, pois esse termo não era muito usado em sua época. Uso o termo aqui porque os conceitos comparáveis usados nas eras vitoriana e eduardiana (inclusive os usados por Bird Bishop para descrever a si mesma) - por exemplo, “inválida” - agora são corretamente considerados ofensivos. Eu os utilizo somente quando cito fontes originais.

Mostro como os conceitos de saúde e exercício, populares no período vitoriano, poderiam oferecer oportunidades para que as pessoas com deficiência se envolvessem na exploração geográfica. Da mesma

forma, sua mobilidade só foi possível devido ao contexto colonial em que suas viagens ocorreram e à sua dependência de vários outros corpos humanos e animais (muitos dos quais não recebiam remuneração ou reconhecimento iguais). Ao abordar a deficiência de Bird Bishop juntamente com sua identidade racial e de gênero, este artigo foi influenciado pelo conceito de “interseccionalidade” de Kimberlé Crenshaw. Crenshaw (1989) desenvolveu esse termo para argumentar contra uma política de identidade que se concentrava em um único eixo de identidade. Crenshaw (1991, p. 1243) demonstrou que “as experiências das mulheres de cor são frequentemente o produto da interseção de padrões de racismo e sexism” e que as mulheres negras enfrentavam discriminação “maior do que a soma do racismo e do sexism” (Crenshaw, 1989, p. 140). Essas ideias têm sido influentes na geografia (Hopkins 2019). Os geógrafos desenvolveram esses conceitos ao fornecer um exame mais detalhado da relação entre identidades e lugar (por exemplo, Fisher 2015). Anya Lawrence (2022) argumentou que a interseccionalidade pode ser útil para ajudar os geógrafos a entenderem os vários grupos de pessoas que são discriminadas pelas práticas dominantes de trabalho de campo. Como demonstro a seguir, essas ideias também podem nos ajudar a entender melhor a vida de Bird Bishop e a história da nossa disciplina.

Isabella Bird Bishop

Para desenvolver novos conhecimentos, concentro-me em Isabella Bird Bishop (nascida como Isabella Bird). Ela é uma figura importante na geografia e em sua história institucional (Domosh 1991a, 1991b; Maddrell 2009, pp. 27-36, 51-59). Nascida em 1831, em North Yorkshire, em uma família protestante de classe média alta, Bird passou seus primeiros anos viajando pelo Reino Unido (Chubbuck, 2003, p. 3). Desde muito cedo, sofria de um problema na coluna que afetava sua capacidade de andar. Aos 18 anos, foi operada para remover “tumores fibrosos” da região lombar, mas continuou sofrendo com dores nessa área pelo resto da vida (Stoddart, 1906, p. 25). Os efeitos físicos dessa doença se misturaram a sintomas psicológicos, como depressão e insônia, levando seus médicos a prescrever viagens marítimas como tratamento (Chubbuck, 2003, pp. 4-5).

Em 1854, viajou para os Estados Unidos e escreveu *An Englishwoman in America* (1856) após seu retorno. Mas foi em maio de 1872 que as principais viagens de Bird começaram, mais uma vez por recomendação de seus médicos. Ela foi para a Austrália e depois para a Nova Zelândia antes de embarcar para o Havaí no início de 1873. Bird viajou pelo Havaí e foi a segunda mulher conhecida a subir o vulcão Mauna Kea, de 13.680 pés². Essas experiências formaram a base para seu livro revolucionário *Six Months in the Sandwich Islands* (1875), composto por uma série de cartas para sua irmã Henrietta Bird.

Isabella deixou o Havaí em agosto de 1873 em um navio com destino a São Francisco. De lá, viajou por terra a cavalo pelas Montanhas Rochosas, hospedando-se em Estes Park. Em seguida, foi de

² Nota do tradutor: equivalente a 4.207 metros de altitude.

carruagem e trem para Nova York antes de retornar ao Reino Unido de navio, chegando em 1874 (Kanasaka, 2017, pp.19-38). Bird publicou um relato de sucesso comercial intitulado *A Lady's Life in the Rocky Mountains* (1879). Ela passou os anos seguintes no Reino Unido, antes de viajar para o Japão por seis meses em 1878. Lá, visitou áreas que poucos europeus haviam visitado e pesquisou o povo indígena Ainu. Ela descreveu essas experiências em *Unbeaten Tracks in Japan* (1880). Em seguida, Bird visitou a Península Malaia e, mais tarde, publicou *Golden Chersonese and the Way Thither* (1883), no qual fala sobre sua passagem por lá.

Em junho de 1880, a irmã de Isabella, Henrietta, morreu de febre tifoide. Nove meses depois, Bird se casou com o médico de Henrietta, John Bishop. A partir desse momento, passou a se chamar Sra. J. Bishop, e frequentemente publicava sob esse nome. Por motivos de clareza e consistência, usei o nome Bird Bishop no restante deste artigo, embora esse tenha sido apenas um dos nomes que usou. Em 1882, o Dr. Bishop adoeceu e ela passou os anos seguintes cuidando dele, viajando para o sul da França e para a Itália para ajudá-lo a se recuperar. O Dr. Bishop morreu em 6 de março de 1886, pouco antes do quinto aniversário de casamento do casal (Kanasaka, 2017, p. 58).

Após a morte de seu marido, Bird Bishop decidiu que só faria viagens que “trouxessem de volta uma rica carga de conhecimento” (Bird Bishop 1886). Em 1887, foi para a Irlanda para tentar entender a situação política do país. Em 1889, viajou para o Tibete Menor (atual Ladakh, Índia) e depois para a Pérsia, via Iraque e Curdistão. Durante a maior parte da viagem ao Oriente Médio, acompanhou uma “expedição militar-geográfica” liderada por um oficial do exército indiano, o Major Herbert Sawyer, que buscava pesquisar a área para promover os interesses britânicos na região (Bird, 1890, p. 5). Ela publicou relatos dessas viagens em *Among the Tibetans* (1894a) e *Journeys in Persia and Kurdistan* (1891).

Esses trabalhos consolidaram ainda mais a reputação de Bird Bishop, e recebeu uma bolsa honorária da Royal Scottish Geographical Society (RSGS) em 1890 e fez parte de um pequeno grupo de mulheres admitidas na Royal Geographical Society (RGS) em novembro de 1892. A fama de Bird Bishop cresceu e ela assumiu um novo status nos círculos científicos, discursando nas reuniões da RSGS, do Anthropological Institute e da BAAS em 1892 (Anon, 1892a, 1892b; Bishop, 1892a, 1892b). Durante esse período, também estudou fotografia (Garltan, 2011, p. 16; Ireland, 2015, p. 18).

Após esse período na Grã-Bretanha, Bird Bishop viajou para a Coreia. Ela foi deportada para a China após o início da guerra sino-japonesa em 1894 (Bird, 1894b). Passou os anos seguintes no leste da Ásia, completando uma extensa viagem pelo rio Yangtze, tirando várias fotografias durante o percurso (Garltan, 2011; Ireland 2015). Retornou ao Reino Unido em 1897 e deu uma palestra para o RGS (Bishop 1897). Publicou vários livros sobre a Ásia Oriental, como *Korea and Her Neighbours* (1898), *The Yangtze Valley and Beyond* (1899) e o livro de fotografias *Chinese Pictures* (1900). Depois disso, completou uma

última viagem pelo Marrocos a cavalo (Bishop 1901). Após seu retorno, sua saúde piorou, levando-a à morte em 7 de outubro de 1904.

Bird Bishop é uma figura importante na história da geografia. Mas ela também representa, de modo geral, o número crescente de mulheres viajantes e exploradoras cada vez mais profissionais no final do século XIX e início do século XX (Birkett, 2004; Blunt, 1994; Evans, 2015; Mills, 1991). Por esse motivo, muitos textos sobre o papel de Bird Bishop na história da geografia se concentraram em sua identidade como mulher, e não em sua deficiência. Mona Domosh (1991a, 1991b) discute Bird Bishop para mostrar como as histórias existentes da geografia e da exploração ignoram as contribuições das mulheres. Domosh (1991a, p. 98) observa que Bird Bishop “era continuamente diagnosticada com graves problemas físicos quando retornava à Grã-Bretanha”. Mas ela não explora esse ponto em detalhes. Em vez disso, se concentra na identidade de Bird Bishop como mulher e suas implicações para os esforços de escrever uma história feminista da geografia. Da mesma forma, Avril Maddrell (2009, pp. 27-36, 51-59) examinou a biografia de Bird Bishop e suas contribuições para a geografia. Mas também dedica pouca atenção à sua deficiência.

Ao estudar mais detalhadamente a deficiência de Bird Bishop, baseio-me em seus escritos publicados, em sua correspondência particular (especialmente a mantida na Royal Geographical Society e na National Library of Scotland) e em fontes secundárias que discutem sua vida e suas viagens. Os escritos públicos de Bird Bishop são úteis como fontes históricas e para entender como ela apresentava seu corpo ao público. No entanto, as narrativas publicadas pelos exploradores eram, muitas vezes, cuidadosamente compostas e editadas para apresentar seus corpos e experiências de forma a garantir credibilidade científica e sucesso comercial (Keighren, Withers e Bell, 2015). Portanto, elas precisam ser tratadas com certa cautela. O uso de fontes privadas me permite entender as diferentes maneiras pelas quais Bird Bishop apresentava e compreendia seu corpo em público e em particular - e como isso mudou ao longo do tempo e do espaço. Ao analisar essas fontes, procurei compreendê-las no contexto dos entendimentos sociais, culturais e médicos comuns na época.

Uma “solitária em busca de saúde”

No século XIX, as normas culturais dominantes procuravam dissuadir as mulheres de participarem de explorações geográficas. As mulheres eram desencorajadas a se colocarem deliberadamente em posições de perigo, principalmente se não estivessem acompanhadas por um pai ou marido (Mills, 1991, p. 77; Rowbotham, 2000, p. 30). Deficiências ou condições médicas podiam dar às mulheres a oportunidade de viajar. A medicina climática era popular nesse período. A ideia de que uma “mudança de ares” poderia ter efeitos positivos sobre a saúde física e mental de um indivíduo era muito difundida (Morris, 2018). Os médicos argumentavam que a mudança para áreas montanhosas ou lugares à beira-mar era um tratamento útil

para doenças específicas, deficiências e distúrbios nervosos crônicos, principalmente quando combinados com regimes de dieta e exercícios (Clark 1829; Morris 2018, pp. 50-51). Em vários momentos da vida de Bird Bishop, seus médicos aconselharam viajar como uma cura para seus sintomas físicos e psicológicos (Stoddart, 1906, p. 28). Em 1871, após um colapso físico, seus médicos recomendaram que “mudasse de cenário o máximo possível e permanecesse sob as influências curativas do ar do mar e das montanhas” (Stoddart, 1906, p. 79).

Essas ideias moldaram o caminhou que ela seguiu. Em 1873, Bird Bishop viajou para as Montanhas Rochosas no Colorado. Ela afirmou que a área tinha potencial para ser “um dos grandes resorts de saúde do mundo” (Bird, 1873). Foi o sucesso dessa viagem em melhorar sua saúde mental e física que a inspirou a viajar mais. Escrevendo para seu editor, John Murray, Bird Bishop (1887, f. 87) comentou que estava “pensando em ir para o exterior, para alguma região onde eu possa viver a mesma vida equestre ao ar livre que me restaurou antes... Eu gostaria de ir para o Japão. Mas os Andes foram muito recomendados por meu médico”. Acabou decidindo ir para o Japão (embora tenha achado o clima de lá decepcionante). Muitas de suas primeiras viagens foram tentativas de usar o clima e os exercícios para lidar com os efeitos da deficiência.

Durante toda a sua vida, Bird Bishop encarou as viagens como um meio de restaurar sua saúde e lidar com sua condição na coluna. Em 1888, resumiu seus pontos de vista sobre o assunto ao descrever uma viagem recente em que atravessou a Irlanda a cavalo: “Minha saúde melhorou muito na Irlanda. A cada dia que passa, fico mais vigorosa e empreendedora... uma vida rústica ao ar livre, combinada com interesse suficiente, é aquela em que minha saúde e meu espírito estão melhores” (Bird Bishop, 1888, f. 56). O campo era, portanto, um espaço no qual Bird Bishop sentia que podia administrar sua deficiência física e sua saúde mental (esta última referenciada eufemisticamente pelo termo “espíritos”).

Por outro lado, ela sempre achava que seu tempo no Reino Unido a levava a períodos agudos de esgotamento físico e angústia mental. Em 1880, por exemplo, se queixou de que sua “saúde estava debilitada desde que retornou a Edimburgo”. Alguns dias depois, reclamou que estava “bastante desanimada por estar cada vez mais sem saúde. Minha coluna está tão dolorida que todo esforço é cansativo”. Essas passagens são típicas do efeito negativo que a vida no Reino Unido teve sobre sua saúde - e passou por crises semelhantes de saúde debilitada quase todas as vezes que passou períodos prolongados em casa. Os biógrafos sugeriram que a pioria da saúde de Bird Bishop durante esses períodos ilustra que sua deficiência foi produzida socioespacialmente pelas expectativas de gênero que enfrentou em casa (Barr, 1970; Chubbuck, 2003).

Os benefícios que Bird Bishop sentiu ao viajar foram reais e significativos. Mas também devemos considerar o importante papel que elas desempenharam na justificativa de suas viagens para o público local. Em seus primeiros escritos publicados, Bird Bishop enfatizou a saúde como a principal motivação para suas

viagens. Na introdução de sua obra inovadora, *The Hawaiian Archipelago* (1875, p. vii), enfatizou que originalmente tinha ido para lá “por motivos de saúde” e descobriu que “o benefício que obtive do clima me levou a permanecer por quase sete meses”. Também enfatizou os efeitos benéficos das viagens para a saúde em *A Lady's Life in the Rocky Mountains* (1879, p. 18, 40, 219) e dedicou considerável atenção aos benefícios para a saúde decorrentes do ar das montanhas da região, que descreveu como “o elixir da vida” (veja também Bird, 1873, f. 5). Ela começa o *Unbeaten Tracks in Japan* (1880, v. 1, p. ix) descrevendo-se como uma “buscadora solitária de saúde”. As condições da coluna e do sistema nervoso de Bird Bishop foram importantes para fornecê-la um motivo público aceitável para suas primeiras viagens.

Mais tarde, Bird Bishop ainda relatou em privado os efeitos positivos das viagens sobre sua saúde (por exemplo, Bird Bishop, 1895, ff. 5-6). Mas não enfatizou isso em seus trabalhos publicados no mesmo grau. Essa mudança foi provavelmente um produto de sua crescente reputação como exploradora e de sua maior aceitação nos círculos científicos. Parece que não sentia mais a necessidade de usar sua saúde para justificar publicamente suas viagens.

Deficiência e dependência de *interbody*

A condição da coluna vertebral de Bird Bishop também moldou a forma como viajava. Ela era uma exímia cavaleira e andar a cavalo lhe proporcionava um nível de mobilidade muito maior do que andar. Aprendeu a cavalgar ainda jovem e continuou a usá-la como meio de transporte até os últimos anos de sua vida (Middleton, 1982, p. 21; Stoddart 1906, p. 9).

Cavalgar permitiu que Bird Bishop se movimentasse de maneiras impossíveis quando dependia de seu próprio corpo, possibilitando que atravessasse distâncias muito maiores do que se fosse a pé. Ela também relatou que cavalgar tinha efeitos positivos em sua saúde física. Em uma carta, relatou que cavalgar lhe fazia “muito bem” (Bird Bishop, 1890, f. 6). Essas afirmações são plausíveis. Pesquisas científicas mais recentes demonstraram que a equitação pode ser uma terapia eficaz para pessoas com deficiências devido ao movimento do cavalo (Uchiyama et al., 2011). Cavalgar possibilitou que Bird Bishop aumentasse sua capacidade corporal, demonstrando relações de dependência que vão além do mero transporte; elas diluem os limites entre os corpos do cavalo e do cavaleiro. Suas viagens devem, portanto, ser entendidas como uma forma de mobilidade híbrida humano-animal (Lambert, 2015).

Quando viajava, montava em *cross-saddle*, com os pés de cada lado do cavalo, em vez de *side-saddle*, que era geralmente considerado um modo de montar muito mais feminino. A cavalgada com sela lateral era menos adequada para passeios de *cross-country* e significava que o cavaleiro precisava de

mais assistência para montar ou desmontar o cavalo (David, 2002). Em *The Hawaiian Archipelago*, Bird Bishop descreve sua conversão para a equitação *cross-saddle*, relatando que, inicialmente, tentou viajar de lado, mas achou “inseguro”, perigoso e doloroso por causa de sua condição na coluna (Bird, 1875, p. 66). Depois que caiu do cavalo, seu companheiro de viagem sugeriu que ela “seguisse a tradição havaiana e montasse de lado” em uma sela mexicana (Bird, 1875, p. 66). Essa sugestão foi controversa, pois a sela mexicana era, na época, considerada “uma coisa muito masculina, ornamentada e com reforço de latão, com um grande chifre na frente e grandes estribos de madeira com longas abas de couro e proteções de couro resistente” (Barr, 1970, p. 29). Bird sentiu a necessidade de justificar a adoção desse modo de montar, escrevendo que não conseguia “cavalgar nenhuma distância no modo convencional” (Bird, 1875, p. 66). Por outro lado, a cavalgada *cross-saddle* permitia que viajasse mais longe e com mais conforto e era fundamental para o sucesso de suas viagens. Mesmo assim, em público, ela enfatizou que “cavalgava de lado” quando viajava pelas cidades da América, mas observou que isso lhe causava “fortes dores” (Barr, 1970, p. 29; Bird, 1879, p. 163). Enfatizar a necessidade médica de cavalgar com a sela cruzada, devido ao seu problema de coluna, ajudou-a a justificar sua transgressão das normas domésticas de gênero.

É difícil estabelecer se Bird Bishop continuou a cavalgar de lado pelas cidades durante suas viagens posteriores pela Ásia. Ela dedicou pouca atenção a esse assunto em seus livros e cartas. No entanto, de outras maneiras, Bird Bishop transgrediu ativamente as normas sociais, o que sugere que estava menos preocupada em agradar a sensibilidade local quando viajava pela Ásia. Na China, em meados da década de 1890, foi carregada em uma cadeira suspensa em postes por vários grupos diferentes de homens chineses. Normalmente, as mulheres na China eram transportadas em macas fechadas em vez de cadeiras abertas. No contexto do aumento da raiva anticolonial na China nesse período, sua transgressão dessa norma irritou muitos homens chineses. Eles consideravam sua “aparência audaciosa” como um “insulto social e político”, pois sugeria que “a China é fraca o suficiente para ser presidida ou conquistada por uma mulher” (Chan 2007, p. 224). Consequentemente, Bird Bishop sofreu ataques de hostilidade e violência durante a viagem (Bird Bishop 1899). Em um ataque, sofreu “um forte golpe na cabeça”, além de outros que a fizeram temer por sua vida (Bird Bishop 1896, f. 24). No entanto, ela continuou a viajar em uma cadeira aberta, recusando-se a se adaptar às normas patriarciais locais.

As viagens de Bird Bishop em uma cadeira aberta também são um forte lembrete do trabalho humano do qual frequentemente dependia. Como demonstram os estudos sobre as chamadas “histórias ocultas” da exploração, as viagens dos exploradores eram frequentemente facilitadas por grandes forças de trabalho que, muitas vezes, recebem pouca atenção nos relatos tradicionais de exploração (por exemplo, Driver, 2013, 2015; Driver & Jones, 2009). Também vale a pena lembrar que muitos exploradores do sexo masculino que eram fisicamente aptos quando iniciaram suas jornadas sofreram doenças ou lesões graves durante a viagem (às vezes deixando-os com deficiências duradouras). Vista nesse contexto mais amplo, Bird

Bishop era semelhante a muitos outros exploradores do sexo masculino, pois dependia de pessoas menos favorecidas para realizar grande parte do trabalho em suas expedições (Armston-Sheret, 2023). A condição da coluna vertebral de Bird Bishop às vezes a empurrava para relações de dependência particularmente estreitas com as pessoas ao seu redor. Por exemplo, em *The Yangtze Valley and Beyond* (1899, p. 207), relatou que o chinês que empregou na viagem, chamado de Be-Dien em seu relato, estava “sempre à mão para me ajudar em lugares escorregadios e difíceis”.

Sua identidade como mulher também significava que talvez estivesse mais disposta a escrever sobre essa dependência do que os viajantes do sexo masculino, que geralmente procuravam enfatizar sua força e masculinidade. Em *A Lady's Life in the Rocky Mountains*, Bird Bishop descreveu sua escalada do Long's Peak, uma montanha no Colorado. Ela foi ajudada a subir por um salteador do Colorado chamado Jim Nugent. Descreveu sua dependência dele em termos modestos (Bird, 1879, p. 110): “Minha fadiga, tontura e dor por causa dos tornozelos machucados e dos braços meio arrancados das articulações eram tão grandes que eu nunca teria chegado à metade do caminho se ‘Jim’, *nolens volens*³, não tivesse me arrastado com paciência e habilidade, e com a determinação de que eu deveria subir o Pico, o que nunca falhou”. Essas passagens claramente se baseiam em estereótipos e símbolos literários mais amplos sobre a fraqueza e a modéstia femininas, mas também podem refletir sua luta genuína para escalar a montanha. Nessas passagens, sua identidade de gênero fez com que descrevesse mais prontamente incidentes de dependência corporal do que muitos viajantes do sexo masculino teriam feito.

Bird Bishop foi mais relutante em descrever o trabalho e as contribuições dos homens asiáticos em suas viagens posteriores. Nesses contextos, geralmente escrevia em termos mais semelhantes aos dos viajantes do sexo masculino. Isso confirma a observação de Dea Birkett (2004) de que as exploradoras enfatizavam sua identidade racial em vez de sua identidade de gênero quando viajavam em contextos coloniais. Tanto em público quanto em particular, Bird Bishop geralmente escrevia em termos comparativamente breves e, às vezes, depreciativos sobre os homens asiáticos com quem contava (Armston-Sheret, 2023). Mas mesmo nos escritos bastante limitados de Bird Bishop, é possível ver o trabalho vital que os homens subordinados faziam, que incluía montar tendas, cozinar, lavar, embalar, selar cavalos e interpretar (Bird Bishop, 1891, v. 1, p. 341).

Nesse sentido, talvez seja possível traçar um contraste entre Bird Bishop, uma mulher com deficiência em casa, e a viajante colonial comparativamente empoderado no exterior, capaz de viajar graças ao trabalho incorporado de homens subordinados. Mas fazer isso amplia o significado do termo. Mesmo em casa, Bird Bishop dificilmente pode ser descrita como totalmente subalterna, dada sua origem de classe

³ Nota do tradutor: A expressão *nolens volens* significa “querendo ou não querendo”.

média alta e sua capacidade de registrar e narrar suas próprias experiências de forma não mediada. Nem todas as viagens eram fáceis. Ela às vezes ficava doente enquanto viajava e, como vimos, às vezes enfrentava mais hostilidade e até mesmo violência por causa de seu gênero. As diferentes identidades de Bird Bishop interagiram de forma complexa no tempo e no espaço.

O estudo da vida e das viagens de Isabella Bird Bishop mostra a longa história das pessoas com deficiência na geografia. Mas também mostra a importância de estudar a deficiência de Bird Bishop juntamente com suas outras identidades. Os significados atribuídos às identidades também mudaram ao longo do tempo e do espaço. Nesse sentido, este artigo ilustrou o valor de estudar a história da geografia de uma forma atenta à materialidade dos corpos, bem como à natureza interseccional e socioespacial da identidade.

A sobreposição de identidades de Bird Bishop moldou suas jornadas de forma complexa. As mulheres eram geralmente excluídas da exploração geográfica no século XIX. A compreensão contemporânea da saúde física e mental de Bird Bishop - especialmente a ideia de tratamentos climáticos para doenças - proporcionou a ela oportunidades de viajar e um meio de justificar suas primeiras viagens para o público local. A deficiência proporcionou oportunidades de viagem a algumas mulheres brancas de classe média e alta.

A deficiência de Bird Bishop também moldou a forma como viajava. Em vez de caminhar longas distâncias, como alguns exploradores, andava a cavalo. Ela achava isso benéfico porque caminhar era doloroso, mas também porque cavalgar ajudava a aliviar sua condição na coluna. Suas viagens eram, portanto, empreendimentos “híbridos” que envolviam a interdependência dos corpos humano e animal.

Não podemos ignorar o contexto colonial das viagens de Bird Bishop, nem o fato de que dependia muito do trabalho de outras pessoas enquanto viajava. A forma como esse trabalho era representado variava consideravelmente, conforme os entendimentos contemporâneos de raça e gênero. Nos Estados Unidos, relatou incidentes em que contou com a ajuda de homens brancos, em termos que reproduziam imagens estereotipadas de fragilidade feminina. Na Ásia, ela estava menos disposta a descrever com tantos detalhes o trabalho do qual dependia.

As viagens de Bird Bishop são importantes para mostrar a presença de mulheres com deficiência na história da geografia e na história da exploração. Sua deficiência também moldou suas jornadas de forma produtiva e positiva. Esses pontos têm implicações contemporâneas. Grande parte da literatura sobre deficiência e trabalho de campo concentra-se em como a pesquisa em locais remotos e as práticas atuais de trabalho de campo discriminam as pessoas com deficiência. Sem dúvida, isso é correto, mas também devemos lembrar que algumas pessoas com deficiência há muito tempo têm experiências positivas de viagem e pesquisa.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos arquivistas da National Library of Scotland e da Royal Geographical Society (com o IBG) pelo apoio durante a pesquisa deste artigo. Também gostaria de agradecer a Innes M. Keighren por ter inspirado este artigo durante uma reunião de supervisão há muitos anos. Os revisores anônimos também merecem agradecimentos pelos comentários produtivos que melhoraram substancialmente este artigo e os argumentos nele contidos.

Referências:

An Englishwoman in America. Six Months in the Sandwich Islands: Golden Chersonese and the Way Thither. ***Journeys in Persia and Kurdistan***. 1856.

Anon. Anthropological Institute. **The Atheneum**, 3370, 700. (1892a, May 28)

Anon. Meetings of societies. **The Academy**, 52. (1892b, May 28)

Anon. Obituary: Mrs Bishop. **Edinburgh Medical Journal**, 16, 383–384, 1904.

ARMSTON-SHERET, E. Diversifying the historical geography of exploration: Subaltern body work on British-led expeditions c.1850–1914. **Journal of Historical Geography**, 80, 58-68, 2023. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.jhg.2023.02.004>

BARR, P. **A curious life for a lady**: the story of Isabella Bird. London, UK: Penguin. 1970.

BIRD BISHOP, I. **Among the Tibetans**. London, UK: Religious Tract Society, 1984a.

BIRD BISHOP, I. **Korea and her neighbours**. Vol. 2. London, UK: John Murray, 1898.

BIRD BISHOP, I. **Journeys in Persia and Kurdistan**. Vol. 2. London, UK: John Murray, 1891.

BIRD BISHOP, I. L. (1886, March 18) Letter to John Murray. Letters, 1884-1889, of Isabella Bird Bishop (1831-1904) to John Murray III, mainly (MS.42026), **National Library of Scotland Archives**, 1886.

BIRD BISHOP, I. L. (1888, January 28) Letter to John Murray. Letters, 1884-1889, of Isabella Bird Bishop (1831-1904) to John Murray III, mainly (MS.42026), **National Library of Scotland Archives**, 1888.

BIRD BISHOP, I. L. (1890, 11 April) Letter to John Murray. Letters, 1890-1893, of Isabella Bird Bishop (1831-1904) to John Murray III, mainly (Ms. 42027), **National Library of Scotland Archives**, 1890.

BIRD BISHOP, I. L. (1894b, October 5) Letter to John Keltie, Isabella L. Bishop correspondence with Royal Geographical Society, **RGS/CB, RGS Archive**, 1984a.

BIRD BISHOP, I. L. (1895, February 18) Letter to John Murray. Letters, 1894–1898, of Isabella Bird Bishop (1831–1904) to John Murray III, mainly. (Ms. 42028), **National Library of Scotland Archives**, 1895.

BIRD BISHOP, I. L. (1896, July 6) Letter to John Murray. Letters, 1894–1898, of Isabella Bird Bishop (1831–1904) to John Murray III, mainly. (Ms. 42028), **National Library of Scotland Archives**, 1896.

BIRD, I. L. (1873, December 13) Letter to John Murray, Letters, 1855-1879, of Isabella Bird Bishop (1831-1904) to John Murray III (Ms. 42024), **National Library of Scotland Archives**. 1873.

BIRD, I.L. **The Hawaiian archipelago**. London, UK: John Murray, 1975.

BIRD, I.L. (1887, July 27) Letter to John Murray, Letters, 1855-1879, of Isabella Bird Bishop (1831-1904) to John Murray III (Ms. 42024), **National Library of Scotland Archives**, 1887.

BIRD, I.L. **A Lady's life in the Rocky Mountains**. London, UK: John Murray, 1879.

BIRD, I.L. **Unbeaten tracks in Japan**. Vol. 2. London, UK: John Murray, 1880.

BIRD, I.L. **The Golden chersonese and the way thither**. London, UK: John Murray, 1883.

BIRKETT, D. **Spinsters abroad**: Victorian lady explorers. London, UK: Sutton, 2004.

BISHOP, I.L. Notes on Morocco. **The Monthly Review**, 5, 89–102, 1901.

BISHOP, J.F. Anniversary address: The upper Karun region and the Bakhtiari Lurs. **Scottish Geographical Magazine**, 8(1), 1–14, 1892a.

BISHOP, J.F. A journey through lesser Tibet. **Scottish Geographical Magazine**, 8(10), 513–528, 1892b.

BISHOP, M.J.F. **The Yangtze Valley and beyond**. London, UK: John Murray, 1899.

BISHOP, M.J.F. **Chinese pictures**. London, UK: Cassel and Company, 1900.

BLUNT, A. **Travel, gender, and imperialism**: Mary Kingsley and West Africa. New York, NY: Guilford Press, 1994.

CHAN, M.C. Isabella Bird's journey through the Yangtze Valley: Victorian travel narrative as a historical record of British Imperial desires in China. In: Felber, L. (Ed.) **Clio's daughters: British women making history**, 1790–1899. Newark, DE: University of Delaware Press, pp. 215–235, 2007.

CHUBBUCK, K. Introduction. In: Chubbuck, K. (Ed.) **Isabella Bird: Letters to Henrietta**. Boston, MA: Northeastern University Press, pp. 1–30, 2003.

CLARK, J. The influence of climate in the prevention and cure of chronic diseases. London, UK: John Murray, 1829.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, 139–167, 1889.

CRENSHAW, K. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, 43(6), 1241–1299, 1991. Available from: <https://doi.org/10.2307/1229039>

DAVID, A. M. Elegant amazons: Victorian riding habits and the fashionable horsewoman. **Victorian Literature and Culture**, 30(1), 179–210, 2002. Available from: <https://doi.org/10.1017/S1060150302301098>

DOMOSH, M. Toward a feminist historiography of geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, 16(1), 95–104, 1991a. Available from: <https://doi.org/10.2307/622908>

DOMOSH, M. Beyond the frontiers of geographical knowledge. **Transactions of the Institute of British Geographers**, 16(4), 488–490, 1991b. Available from: <https://doi.org/10.2307/623033>

DRIVER, F. Hidden histories made visible? Reflections on a geographical exhibition. **Transactions of the Institute of British Geographers**, 38(3), 420-435, 2013. Available from: <https://doi.org/10.1111/j.1475-5661.2012.00529.X>

DRIVER, F. Intermediaries and the archive of exploration. In: Konishi, S., Nugent, M. & Shellam, T. (Eds.) **Indigenous intermediaries**. Canberra: ANU Press, pp. 11–30, 2015. Available from: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt19705zg.7>

DRIVER, F. & JONES, L. **Hidden histories of exploration**. London, UK: Royal Geographical Society, 2009.

EVANS, S.L. **Terra incognita**: Women on Royal Geographical Society supported expeditions, 1913–1970. PhD Thesis, University of the West of England, 2015.

FISHER, K.T. (2015) Positionality, subjectivity, and race in transnational and transcultural geographical research. **Gender, Place and Culture**, 22(4), 456-473, 2015. Available from: <https://doi.org/10.1080/0966369X.2013.879097>

GARLTAN, L. ‘A complete craze’: Isabella Bird Bishop in East Asia. **Photoresearcher**, 15, 13–26, 2011.

GLEESON, B.J. A geography for disabled people? **Transactions of the Institute of British Geographers**, 21(2), 387–396, 1996. Available from: <https://doi.org/10.2307/622488>

IMRIE, R. Disability and discourses of mobility and movement. **Environment and Planning A: Economy and Space**, 32(9), 1641–1656, 2000. Available from: <https://doi.org/10.1068/a331>

IMRIE, R.; EDWARDS, C. The geographies of disability: Reflections on the development of a sub-discipline. **Geography Compass**, 1(3), 623-640, 2007. Available from: <https://doi.org/10.1111/j.1749-8198.2007.00032.X>

IRELAND, D. Isabella Bird: a photographic journal of travels through China, 1894–1896. London, UK: Royal Geographical Society, 2015.

KANASAKA, K. **Isabella Bird and Japan**: a reassessment. Translated by Nicholas Pertwee. Folkstone, UK: Renaissance Books, 2017.

KEIGHREN, I. M., WITHERS, C.W.J. & BELL, B. **Travels into print: Exploration, writing, and publishing with John Murray, 1773–1859**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 2015.

LAMBERT, D. Master–horse–slave: mobility, race and power in the British West Indies, c.1780–1838. **Slavery & Abolition**, 36(4), 618–641, 2015. Available from: <https://doi.org/10.1080/0144039X.2015.1025487>

LAWRENCE, A. Mud and glee at the crossroads: How can we consider intersectionality more holistically in academic fieldwork? **Area**, 54(4), 541-545, 2022. Available from: <https://doi.org/10.1111/area.12826>

LAWRENCE, A.; DOWNEY, N. Six simple steps towards making GEES fieldwork more accessible and inclusive. **Area**, 54(1), 52–59, 2022. Available from: <https://doi.org/10.1111/area.12747>

LEYLAND, J., GEOGHEGAN, H., HALL, S.M., LATHAM, A. & SOUCH, C. Classics revisited: ‘Muddy glee’ – what geography fieldwork means in the current moment. **Area**, 54(4), 522–524, 2022. Available from: <https://doi.org/10.1111/area.12838>

MADDRELL, A. **Complex locations**: women's geographical work in the UK, 1850–1970. Oxford, UK: Wiley Blackwell, 2009.

MIDDLETON, D. **Victorian lady travellers**. Chicago, IL: U.S. Paperback ed. Academy, 1982.

MILLS, S. **Discourses of difference**: an analysis of women's travel writing and colonialism. London, UK: Routledge, 1991.

MORRIS, R.E. The victorian 'change of air' as medical and social construction. **Journal of Tourism History**, 10(1), 49–65, 2018. Available from: <https://doi.org/10.1080/1755182X.2018.1425485>

ROSE, M. Stuck in the mud? Finding the glee in all fieldworking bodies. **Area**, 54(4), 536–540, 2022. Available from: <https://doi.org/10.1111/area.12840>

ROWBOTHAM, J. 'Soldiers of Christ'? Images of female missionaries in late nineteenth-century Britain: Issues of heroism and martyrdom. **Gender & History**, 12(1), 82–106, 2000. Available from: <https://doi.org/10.1111/1468-0424.00172>

STODDART, A.M. **The life of Isabella Bird**: (Mrs Bishop). London, UK: Murray, 1906. Available from: <http://archive.org/details/lifeofisabellab00stoduoft>

TUCKER, F.; HORTON, J. 'The show must go on!' Fieldwork, mental health and wellbeing in geography, earth and environmental sciences. **Area**, 51(1), 84–93, 2019. Available from: <https://doi.org/10.1111/area.12437>

UCHIYAMA, H.; OHTANI, N.; OHTA, M. Three-dimensional analysis of horse and human gaits in therapeutic riding. **Applied Animal Behaviour Science**, 135(31), 271-276, 2011. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.applanim.2011.10.024>

SOBRE OS AUTORES

Edward Armston-Sheret⁴  - Sou membro do Instituto de Pesquisa Histórica. Também trabalho na Equipe de Pesquisa e Ensino Superior da Royal Geographical Society (com o IBG). Concluí meu doutorado na Royal Holloway, University of London, onde minha pesquisa examinou os exploradores vitorianos e eduardianos. Meu trabalho foi publicado nas principais revistas acadêmicas e na mídia nacional e internacional. Minha bolsa de estudos foi reconhecida por meio de subsídios e bolsas da Royal Historical Society, da The Royal Geographical Society e do Arts and Humanities Research Council. Além do meu trabalho acadêmico, tenho experiência no setor de museus e fui premiado com a British Society for the History of Science Engagement Fellowship no Polar Museum do Scott Polar Research Institute em Cambridge. Nessa função, pesquisei e fiz a curadoria de uma nova exposição sobre a contribuição dos exploradores polares para a compreensão das mudanças climáticas. Também realizei uma pesquisa de curadoria no London Transport Museum.

E-mail: edward.armstonsheret@sas.ac.uk

Guilherme dos Santos Claudino  - Docente do Departamento de Geografia da UNESP/FCTE. Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia (UNESP) de Presidente Prudente. Graduado (2015) e Doutor (2019) em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente. Durante o doutorado foi pesquisador na Universidade de Barcelona (UB), junto ao Grupo de Pesquisa GeoCrítica, sob a orientação do geógrafo Horacio Capel. É coordenador do grupo de pesquisa em Planejamento Urbano e Ações Socioespaciais - PlurAS. É coordenador do Núcleo Negro para Pesquisa, Ensino e Extensão da UNESP/FCTE. Atualmente desenvolve pesquisas em História e Epistemologia do Pensamento Geográfico, com os seguintes temas: Teorias da Geografia, Mulheres na História da Geografia, Métodos, Geografia do Conhecimento, Ensino de Geografia, Produção e Relações Acadêmicas (orientadores e orientados) e Geografia Negras. Tem investigado o papel das Geógrafas na História do Pensamento Geográfico Brasileiro e Mundial, que já resultou na publicação do primeiro livro do gênero no Brasil.

E-mail: guilherme.claudino@unesp.br

Data de submissão: 01 de dezembro de 2024

Aceito para publicação: 23 de abril de 2025

Data de publicação: 18 de maio de 2025

⁴ Institute of Historical Research, University of London, London, UK. E-mail: edward.armstonsheret@sas.ac.uk